**A ausência de comunhão (Koinonia) gera uma comunidade cheia de egoísmo. (II)**

(Dom José da Santa Cruz)

Como comunidade de amor, a Igreja atualiza a Comunidade Espiritual, que é sua essência dinâmica. Ao analisar o ato de constituição moral da pessoa como pessoa, descobrimos que isso só pode ocorrer no encontro eu-tu com a outra pessoa e que esse encontro somente pode se tornar concreto em termos de Ágape, a afirmação unificadora do outro em termos do sentido eterno do seu ser. O pressuposto da Igreja é que cada membro tem uma relação com o outro membro, e que essa relação se torna atual na proximidade espaciotemporal (o “próximo” do Novo Testamento). Ela se expressa na aceitação mútua apesar das separações que ocorrem porque a Igreja é um grupo determinado sociologicamente. Isso se refere às diferenças políticas, sociais, econômicas, educacionais, nacionais, raciais e, sobretudo, as diferenças pessoais, preferenciais, simpatias e antipatias. Em algumas Igrejas, como na primitiva Igreja de Jerusalém e em muitos grupos sectários, o conceito “Comunidade de amor” levou a um comunismo extático, um nivelamento de todas as diferenças, especialmente das econômicas. Mas esta atitude não leva em conta a distinção entre o caráter teológico e sociológico da Igreja e deixa de entender a natureza desse último e, portanto, das ambiguidades de toda comunidade de amor. Frequentemente é a imposição ideológica do amor que produz as formas mais intensas de hostilidade. Como tudo o mais na natureza da Igrejs, a comunidade de amor tem o caráter de “apesar de”, o amor nas Igrejas manifesta o amor da Comunidade espiritual, mas o faz sob a condição das ambiguidades da vida.

Uma reivindicação da igualdade política, social e econômica pode ser derivada diretamente do caráter de uma Igreja como comunidade, mas deriva do caráter da Igreja como comunidade de amor o fato de que aquelas formas de desigualdade que tornam possível uma comunidade atual de fé e mesmo de amor - sejam atacadas e transformadas. Isso se refere às desigualdades e as formas de exploração que destroem as potencialidades de humanidade no indivíduo e de justiça no grupo. A palavra profética da Igreja deve ser ouvida contra essas formas de desumanidade e injustiça, mas, antes de tudo, a Igreja deve transformar a estrutura social dada dentro de si mesma. Ao mesmo tempo, ela deve ajudar as vítimas de uma estrutura social distorcida e de forças como a doença e catástrofe natural tanto a experimentar a comunidade de amor como alcançar os bens matérias que sustentam suas potencialidades humanas. Esta é a parte do ágape que é chamada de caridade e que é tão necessária quanto ambígua. É ambígua porque pode substituir contribuições meramente materiais pela obrigação para com seres humanos enquanto seres humanos e porque pode ser usada como meio de atingir condições sócias que tornam necessária a caridade, mesmo uma ordem social totalmente injusta. Em contraste, o verdadeiro ágape tenta criar as condições que tornem possível o amor ao outro.

Todo ato de amor supõe juízo contra aquilo que nega o amor. A Igreja como comunidade de amor exerce continuamente esse juízo por sua existência mesma. Ela o exerce tanto contra aqueles que estão fora de sua comunidade, quanto contra os que estão dentro, e deve exercê-lo consciente e ativamente em ambas as direções, embora ao fazê-lo ela se veja envolvida nas ambiguidades de julgamento – autoridade e poder. Já que a Igreja, em contraste com outros grupos na sociedade, julga em nome da Comunidade Espiritual, seu julgamento corre o perigo de se tornar mais radical, mais fanático, mais destrutivo e demoníaco. Por outro lado, e por esse motivo, o Espírito está presente na Igreja, e ele julga o juízo da Igreja e luta contra suas distorções.

Em relação a seus próprios membros, o juízo da Igreja ocorre através dos meios da Presença espiritual, através das funções da Igreja, e, finamente, através da disciplina. Tudo isso se refere à função de juízos da comunidade de amor para com seus próprios membros. Sem dúvida, os mesmos critérios são válidos não somente para os representantes oficiais da Igreja, mas também para os membros que tem uma função sacerdotal nos grupos limitados em nome da comunidade de amor, por exemplo, os pais em relação aos filhos, e um pai em relação a outro pai, amigos para com amigos, e assim por diante, A comunidade de amor deve se atualizar mediante a afirmação, juízo e reunião em todos esses casos, expressando, assim, a Comunidade espiritual. E no poder da Presença Espiritual, a Igreja deve combater as ambiguidades da manifestação tríplice de amor através de indivíduos e movimentos determinados pelo Espírito. Cada uma dessas três manifestações é uma criação da Presença Espiritual, e em cada uma delas é efetivo o grande “apesar de” do Novo ser; mas é mais manifesto na terceira – a “reunião apesar de”, a mensagem e ato de perdão. Assim como o elemento de juízo do amor, também o elemento de perdão está presente em todas as funções da Igreja, na medida que são dependentes da Comunidade Espiritual.